

A IDEALIZAÇÃO DA MULHER INDÍGENA NA OBRA *CARAMURU*, DE JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO

Adailton Alberto de Souza

Graduado em Letras-FASETE. Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa pela Faculdade Sete de Setembro-FASETE. Especialista em Gestão Escolar- Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias. Mestre em Letras pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Professor do Curso de Letras da Faculdade Sete de Setembro, da FASETE. Email: mestreemlinguaportuguesa@hotmail.com

Joranaide Alves Ramos

Graduada em Licenciatura plena em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Inglesa. Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa. Mestra em Estudos Literários. Professora do Curso de Letras, da FASETE.

Késsia Poliana Santos Soares

Graduanda em Licenciatura Plena em Letras – Faculdade Sete de Setembro – FASETE

RESUMO

Este artigo reflete sobre a idealização da mulher indígena na obra *Caramuru* (1781), de José de Santa Rita Durão, discutindo sobre qual era a visão dos portugueses sobre tais mulheres, tendo em vista o período literário, o Arcadismo, e o contexto-histórico e ideológico da época. Assim, podemos observar na epopeia, a criação de uma mulher indígena com características europeias e com a finalidade de engrandecer o personagem principal, ocorrendo uma fantasia em volta das personagens femininas quando comparado com base na pesquisa do contexto-histórico e social das índias. Fizemos, para isso, uma pesquisa bibliográfica, baseados em Moisés (1983), Beauvoir (2016), Candido (1997), entre outros.

Palavras-chave: Caramuru. Colônia. Indígenas. Idealização. Santa Rita.

ABSTRACT

This paper discusses the idealized image of the indian woman in the work *Caramuru* (1781) by José de Santa Rita Durão, debating about the view that the Portuguese had over these women, considering the literary period (the Arcadism) and the historical and ideological context that were present at that time. Thus, it is possible to observe in this epic tale a native woman with european characteristics and whose goal is to extol the main character, arising a fantasy image of the female characters when compared to the research about the social and historical context of the native women. In order to achieve the objectives of this work, we conducted a bibliographical research based on Moisés (1983). Beauvoir (2016), Cândido (1997), among others.

Keywords: Caramuru. Colony. Indians. Idealization. Santa Rita.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, de caráter bibliográfico, temos como objetivo analisar a idealização da mulher indígena na obra *Caramuru* (1781), de Santa Rita Durão, como o eu-lírico representa as mulheres indígenas no poema, e a transformação da mulher indígena em um ideal português. Portanto, analisarmos o fator histórico da colonização e as consequências da representação da indígena na literatura, fazendo um estudo sobre o período literário, Arcadismo, e sua influência na obra selecionada. A decisão de fazer este estudo é a intenção de percebermos a idealização das índias e o porquê desse fator.

Por meio de informações sobre a obra e escritor, e também a compreensão sobre a colonização no Brasil, fazemos a descrição sobre o processo de colonização e aculturação indígena, considerando o período colonial bem como o encontro da mulher indígena e o português. Selecionado para isso, as duas índias principais: Paraguaçu e Moema. Desfazendo a criação da fantasiosa indígena apropriada para o homem português e a representação da cultura portuguesa na vida das personagens.

Os principais autores utilizados para fundamentar esta pesquisa foram Moisés (1983), Beauvoir (2016), Candido (1997), etc. Assim, Moisés foi utilizado visando fundamentar a pesquisa sobre a história da literatura brasileira e como o período árcade ocorreu de modo geral, mas, principalmente no Brasil, nisso colaborando para compreender no que influenciou na obra *Caramuru*, Simone de Beauvoir com sua obra *O Segundo Sexo* para esclarecer acerca da dominação e submissão, Antonio Candido por causa do seu livro *Formação da literatura brasileira* para compreendermos as origens da literatura.

2 ARCADISMO

Depois do Barroco que apreendia na angústia do homem devido as dualidades da vida e a eterna discussão sobre a vida carnal e espiritual, surge um período em que temas como o amor, a vida, a natureza que são vistos de maneira objetiva e sem muitos questionamentos, ao contrário, do Barroco; o importante é aproveitar o momento.

Como podemos perceber segundo Bosi que: “Enquanto a arte barroca se define pelo exagero, pelo paradoxo, pela ornamentação exagerada, pelo rebuscamento, a poesia árcade vai buscar

simplicidade, equilíbrio e clareza orientados por um evidente pensamento racional.” Visando o equilíbrio do homem com a natureza e uma busca por uma literatura apoiada, não raro, nas ideias iluministas difundidas na Europa, o movimento moveu-se pela busca da racionalidade em contraposição aos ideais religiosos vigentes; por isso, entendemos que o reflexo do período social é discutido e refletido na literatura, buscando, neste caso, uma linguagem mais simples e objetiva, como já vimos as ideias iluministas estão presentes no contexto-histórico, portanto, essa busca pela racionalidade é notável na vida dos escritores que buscam pela ciência e participação política.

Nesse contexto, os autores árcades estão envolvidos nos problemas históricos, em manifestações políticas como a busca pela Independência Política e inconfidência mineira, ideias das ideias revolucionárias desenvolvidas, no Brasil, de influência europeias como a Revolução Industrial, na França. Cláudio Manuel da Costa sendo um homem de posses que participou da elite intelectual da sua época, e por ter participado ativamente da Inconfidência Mineira, foi preso e faleceu em sua cela. Em vida, dedicou-se à poesia pastoril que idealizava a natureza como refúgio de uma vida simples, o eu-lírico busca uma tranquilidade e exalta sua amada, podendo ocorrer um amor platônico, inacessível.

A poesia árcade apresenta um eu-lírico que busca encontrar no campo, a tranquilidade que ele não encontraria nos grandes centros urbanos; desse modo, surge a expressão *fugere urbem* que significa fugir da cidade para poder ir à vida pastoril que, por sua vez, é repleta de bucolismo. Podemos perceber a existência da exaltação do cotidiano, ademais a mulher da obra árcade também é exaltada à medida que os autores árcades criam, em suas obras, o amor idealizado, quando o eu-lírico necessita da mulher para se sentir completo.

Considerando-se o período literário, no próximo tópico, fazemos uma leitura da obra, desde sua estrutura inspirada em Camões até a intenção do autor ao escrevê-la; também é necessário abordar sobre a vida do Frei Santa Rita Durão visando compreender sua intencionalidade ao escrever a epopeia sobre o Brasil. Dessa maneira, iremos perceber as influências de sua vida em seu épico.

3 CARAMURU: A OBRA E O ESCRITOR

O escritor do poema épico *Caramuru* (1781), José de Santa Rita Durão foi poeta e orador, sendo considerado um dos pioneiros do indianismo brasileiro. Sua obra mais expressiva, nosso objeto de estudo, conta sobre a trajetória do herói Diogo Álvares Correa que conquista a tribo Tupinambá e consegue conquistar a Bahia, sendo, uns dos fundadores e pioneiros das grandes famílias portuguesas no Brasil. A obra tem todos os elementos necessários em um poema épico: o herói sofrendo por causa da adversidade, uma sequência na história, o encontro com pessoas diferentes, a conquista e o triunfo no final. Como poderemos observar no seguinte trecho:

De um varão em mil casos agitado, (a) Que as praias discorrendo do Ocidente, (b) Descobriu o
Recôncavo afamado (a) Da capital brasílica potente: (b) Do Filho do Trovão denominado, (a) Que
o peito domar soube à fera gente; (b) O valor cantarei na adversa sorte, (c) Pois só conheço herói
quem nela é forte (c)

Neste trecho fizemos a leitura da proposição da obra, onde o eu-lírico demonstra sobre o que ele irá narrar em seu poema, assim, seguindo a base de Camões ocorre esse canto sobre a chegada do Diogo em território baiano, já mostrando os feitos do herói em seus sexto e sétimo versos dessa oitava. Exibindo para o leitor sobre as adversidades que o tonaram herói da epopeia.

Na estrofe anterior é perceptível que se trata de uma oitava com rimas alternadas e emparelhadas ficando com o esquema rítmico de AB,AB,AB,CC. Além, de ocorrer rimas externas, acontecendo no final dos versos, ao efetuar a escansão do poema é visto que são versos decassílabos e a obra é dividida em cantos.

A obra contém uma linguagem rebuscada sendo causada pela atenção do autor em fazer uma epopeia clássica, um poema que busca exaltar a nação portuguesa, por meio do personagem central: Um homem português que encontra a Bahia, nisso, a epopeia consiste no uso dos elementos originais do período árcade em que estava inserida, como as referências a mitologia, a descrição da flora brasileira, porém, seu foco é mostrar ao leitor a jornada do Diogo, sendo a representação de todo o povo português como ocorre em *Os lusíadas* (1572), onde Vasco da Gama representa a nação portuguesa.

Desse modo, no livro, é clara a presença da influência de Luís Vaz de Camões, poeta classicista, autor de *Os lusíadas*, considerada uma das maiores expressões da literatura de língua portuguesa, escrita em versos decassílabos e oitava rima. Santa Rita durão utiliza desse formato camoniano para compor sua epopeia.

Caramuru conta a história do jovem português Diogo que após um naufrágio chega ao Brasil e encontra a tribo Tupinambá; logo, torna-se o herói desse povo e é apelidado de Caramuru que leva o nome da obra. A alcunha contém o significado de peixe elétrico e faz referência à Tupã, o deus do povo indígena; logo, podemos perceber que o personagem principal vira portador de grande prestígio social assim transformando-se em um símbolo de liderança, como disposto abaixo:

Desde esse dia é fama, que por nome Do grão-Caramuru foi celebrado O forte Diogo; e que escutado dome Este apelido o Bárbaro espantado: Indicava o Brasil no sobrenome, Que era um dragão dos mares vomitado (...)

Caramuru tem como foco mostrar o grande feito pelo português, como conquistador da terra, mas, apresenta e descreve os costumes, hábitos, crenças indígenas. Segundo Staiger: “o valor do rememorar épico [...] é justamente [...] vencer a terrível inconstância dos homens e das coisas”. Desse modo, é o valor e serventia de um épico é para lembrar a vitória do homem perante as adversidades, as inconstâncias das coisas e dos homens.

O fato de vencer o homem e a inconstância é visto quando o herói vence as dificuldades e torna-se depois de um naufrágio, e de enfrentar doenças, o líder de um povo e é consagrado caramuru, sendo assim, o personagem principal possui características que são cobradas para a criação de um herói: sua história ter sido um fato e a fantasia construída em sua figura.

Segundo informações retiradas do livro *Caramuru*, Diogo Álvares Correia, o verdadeiro caramuru que deu origem a toda história que tornou-se lendária, nasceu em Viana do Castelo, foi um náufrago que viveu entre os indígenas, aprendeu a língua tupi que colaborou com o contato dos primeiros viajantes europeus com os povos nativos do Brasil foi conhecedor dos costumes indígenas também contribuiu para facilitar o contato entre os primeiros missionários considerado o povoador da Bahia. Tornou-se figura mitológica, sabemos que uma grande parte de sua história surge de lendas ao redor de sua imagem, como, por ter atirado com seu revólver e ser considerado um deus, o surgimento desse mito ocorre por causa do desconhecimento dos índios sobre a pólvora. Em vista disso, Diogo surge como um perfeito herói em uma epopeia, no qual, ele representa por parte uma fantasia e em outra uma verdadeira.

Tendo em vista o que já foi analisado sobre a vida e obra do autor, é preciso introduzir sobre o processo de colonização e aculturação do povo indígena, analisando desde a chegada dos portugueses em XV até seu retorno por meados de 1530 para o processo de colonização.

4 COLONIZAÇÃO E ACULTURAÇÃO INDÍGENA

Em 1532, a colonização portuguesa começou, de fato, nas terras que hoje chamamos de Brasil, achadas ou invadidas ainda em 1500. Dá-se, nesse momento, o choque de duas culturas distintas, a imposição/sobreposição da cultura portuguesa e, por conseguinte, a obrigação de seguir os costumes e hábitos daquela civilização europeia, a religião cristã e, logo depois, a escravização dos habitantes do lugar. Esse fenômeno é chamado de aculturação, ou seja, o fato de diminuir e desprezar outra cultura, exigindo ao povo que deixe suas crenças para mudarem de costumes e religião. Segundo Ullmann, a aculturação é uma fusão de duas culturas que resultam em uma troca de simultâneas de tradições, costumes e traços culturais. Porém, uma cultura é colocada em prática e a outra está obrigada a recebê-la e aceitá-la, mas, pelo convívio de dois povos acontece que as culturas acabam usufruindo elementos de cada uma, desse jeito, ocorre mudanças em ambas:

A aculturação é o processo de troca e/ou fusão entre culturas. Através do contato prolongado ou permanente, duas ou mais culturas permutam entre si seus valores, conhecimentos, normas, hábitos, costumes, símbolos, enfim, seus traços culturais. Nesse processo, uma cultura se caracteriza como doadora e a outra como receptora, o que não significa dizer que este seja um processo de via única, ou seja, quando em contato, todas as culturas podem sofrer mudanças, pois ocorre aí um processo de influxo recíproco (ULLMANN, 1991).

Mas é necessário notarmos que colocar uma cultura em prática perante outra, já torna um processo de aculturação que visa exterminar com outra cultura, de modo que ocorra sua depreciação, resultando em seu apagamento.

Na época das grandes navegações marítimas, Portugal saiu para descobrir novas terras, visando fazer negócios e trazer especiarias da Índia. Ocorreu a chegada dos portugueses à denominada terra nova gerando mudanças para o povo que já residia no ambiente, o povo indígena, que foram escravizados e utilizados como mão de obra. Nesse novo tipo de sociedade, a função de trabalhador braçal era destinada ao homem e a mulher ficava exposta a situações de fragilidade, sendo alvo de diversos abusos físicos e psicológicos. Nesse contexto Simone de Beauvoir afirma que: “Os dois grupos em presença foram inicialmente independentes; ignoravam-se antes ou admitiam cada qual a autonomia do outro; e foi um acontecimento histórico que subordinou o mais fraco ao mais forte.”

Como *Beauvoir* afirmou, o acontecimento histórico sucede-se a subordinação do mais fraco, quando começa o processo de colonização gerando para o povo que sofreu a opressão: a perda da liberdade de exercer sua tradição, religião, costumes, de maneira que houve a tentativa de dizimação por meio da aculturação de uma inteira cultura que só está presente nos dias atuais por seu povo persistiu para mantê-la viva. No avanço da conquista de um povo sobre o outro não há possibilidade para acordos entre o opressor e o oprimido, resultando na humilhação, fazendo com que percam a identificação como seres humanos. A falta de visualização do índio como ser humano houve a desumanização desse povo ocasionando em uma justificativa em exploração, escravidão e genocídio de uma etnia e a resistência indígena contra esses atos ocasiona em extermínio.

Feita esta breve leitura sobre a colonização e o procedimento de aculturação, agora é preciso analisar as consequências de tal ato investigando como ocorreu o encontro dos portugueses com as índias.

5 O ENCONTRO ENTRE MULHER INDÍGENA E O HOMEM PORTUGUÊS

A chegada dos portugueses, segundo Freyre (2013), resulta na exaltação da sexualidade no encontro de dois povos, assim sendo, podemos perceber que o encontro entre a indígena e o português é reproduzido de choque ao conhecer uma etnia até então desconhecida para ambos, a surpresa resulta em curiosidade que é elevada a sexualidade: “Foram sexualidades exaltadas a dos dois povos que primeiro se encontraram nesta parte da América: o português e a mulher indígena”.

No encontro do homem português com a mulher indígena acontece um abalo por causa das distinções entre a índia e a portuguesa. Para o português, a mulher indígena torna-se um símbolo de sexual. Logo, a mulher indígena que andava despida se tornaria um sinônimo de pecado pela falta de crenças católicas e a liberdade sexual.

O deslumbramento do homem português com a nudez da mulher indígena despertou a surpresa e admiração. Ocorreram comparações entre a mulher portuguesa e a indígena: A índia foi considerada mais voluptuosa, devido a sua nudez que fazia parte de sua natureza; a nudez do índio não estava ligada ao sensualismo ou buscando provocar o sexo oposto. Andar despido/a fazia parte do cotidiano; foi somente com a imposição do catolicismo que ao condenar o nu como pecaminoso, houve o cunho luxurioso. A mulher indígena, totalmente diferente do padrão

européu – mulher de pele branca, cabelos loiros, longas e volumosas vestimentas que eram obrigadas a usarem por causa da moral católica –, tinha cabelos longos e escuros juntamente com os olhos e não havia vestimentas, já que não havia o conhecimento da culpa cristã, nem a imposição de outra cultura.

Segundo Almeida (2010): “Desde cedo, no entanto, os portugueses preocuparam-se em classificar os índios estabelecendo distinções entre eles”. Sendo assim, ocorria à classificação do povo indígena tanto dos homens quanto das mulheres, os homens eram avaliados como aliados ou inimigos, ao ser aliado a serventia era para o trabalho ou para lutar ao lado do português, o propósito masculino era braçal. Porém, a mulher indígena era dividida em classes a que trabalharia nas casas, as das lavouras, e a serventia para prazeres sexuais, ocorrendo também que nenhuma mulher estava livre dos abusos independente da sua função e como estava categorizada.

Como expôs Lacerda (2010), a mulher indígena teve diversos papéis que fizeram a degradação da mulher, podemos perceber que o povo indígena sofreu com a humilhação, e extermínio. Mas a índia foi determinada para exploração física e psicológica que poderia acontecer na casa dos senhores ou no plantio estando sujeita a violência em qualquer âmbito, além disso, a mistura das duas etnias, gerou filhos mestiços no qual eram utilizados para o trabalho e de criação bastarda, sendo visto como mais um servente para o trabalho exploratório e a sociedade concentrou-se cada vez mais patriarcalmente, o homem branco continuava a inferiorizar a mulher, sendo visto como o chefe gerando subjugação da mulher em sociedade, além disso, formando os primeiros mestiços no Brasil:

Como se vê, foram múltiplos os papéis da mulher indígena. Abusadas sexualmente, exploradas como escravas, dotadas do nobre papel de mães de famílias de filhos considerados legítimos e ilegítimos. Trabalhavam na roça e com os cuidados da casa e da família, donde provavelmente herdamos nossos mais fortes hábitos de higiene. Foram, também, junto com seu povo, vítimas do extermínio quando este foi conveniente. Geraram, em seus ventres os primeiros mestiços brasileiros. (LACERDA, 2010:44)

O caminho da escravização da mulher indígena deixa presente na história marcas profundas que, ao analisamos, observamos parte dos motivos da sociedade atual ser machista dentro dos âmbitos sociais, como trabalho, familiar, educacional.

No próximo tópico iremos analisar como o houve a transformação das índias para um ideal português que visava torná-las um padrão, fazendo com que ocorresse as mudanças nas características, e ademais na cultura.

6 A REPRESENTAÇÃO DA INDÍGENA E A TRANSFORMAÇÃO PARA O IDEAL PORTUGUÊS

Caramuru, O indianismo marca colocando a imagem do índio na literatura, como aponta Thiél e Quirino (2011): “A obra indigenista como transcultural, mas produzida a partir de uma perspectiva ocidental, e caracterizada como escrita ou traduzida pelo outro (não-índio), para quem o mundo indígena é referente e o índio é informante, mas não agente da narrativa”. Assim, deixa presente a elaboração de uma identidade ao ser tratado do indígena, assim, criação uma imagem de um índio padrão europeu ou um índio que é visto como bárbaro.

Então, fica claro que a criação do índio na literatura é de origem europeia, por isso ocorre a idealização de um índio com características europeias, e o outro índio (o nativo) que é visto com desprezo por ter características mais próximas de sua cultura, desse modo, o índio participa sendo secundário, aquele que está como subsidio para o principal da narrativa, como podemos perceber em *Caramuru*, não sendo ainda o protagonista, diferentemente do Romantismo, o índio ainda não é o personagem principal, ele não aparece como herói, mas como um personagem coadjuvante que servirá para colaborar ou não com o personagem principal que é o homem português. Tivemos, pois, a produção de obras com personagens indígenas que não foram escritas por autores indígenas, mas, de maioria europeia ou com influências europeias.

Ao pensar sobre isso, podemos perceber o uso da imagem do indígena para enaltecer o personagem principal. A imagem da mulher indígena que foi retratada no livro de Santa Rita Durão é de cunho fantasioso; é possível perceber isso quando analisamos as duas índias principais na obra: Paraguaçu e Moema. Podemos perceber que ocorrem diferentes idealizações criadas em torno das personagens femininas e indígenas, o eu-lírico utiliza da criação das índias para corroborar com a imagem de herói fazendo com que por meio das personagens femininas, ele seja elevado tornando-se uma personagem mítica e poderosa. A primeira que vamos tratar é a índia Paraguaçu que é par romântico do herói na obra e é retratada da seguinte forma:

Paraguaçu gentil (tal nome teve), Bem diversa de gente tão nojosa, De cor tão alva como a branca neve, E donde não é neve, era de rosa; O nariz natural, boca mui breve, Olhos de bela luz, testa espaçosa. (p.75)

A índia Paraguaçu é apresentada com características distintas do restante do povo indígena; ela é a mais próxima do ideal português de mulher de pele clara, nariz pequeno e boca pequena. Dessa forma, ganha destaque aos olhos do herói da obra: Diogo, ganhando espaço para ser sua companheira. Nos dois primeiros versos do trecho acima, percebemos o pouco respeito e a visão de inferioridade que o eu-lírico demonstra ao povo indígena, somente Paraguaçu por ser mais próxima da idealização é vista como “diferente”, “gentil” já o restante que tem como função ser o verdadeiro povo indígena é visto como “gente nojosa”.

Nesse trecho, podemos notar que a diferença que a jovem carrega é ter a pele mais clara, porém, ela é integrada a cultura indígena representando seu povo em diversos pontos da obra como as vestimentas, os costumes e até a participação nas guerras sendo comparada pelo eu-lírico a uma amazona – mulheres da mitologia grega que participavam de uma nação inteiramente de mulheres guerreiras que protegiam umas às outras, lutando em guerras; a grandeza das amazonas é tamanha que uma de suas rainhas poderia ter participado da ilustre guerra de Troia –. Portanto, ao comparar a índia Paraguaçu com a mulher amazona percebemos que o eu-lírico acredita na bravura da índia a vendo como sendo maior que só a companheira do personagem heroico. Como no próximo trecho:

(...) Trinta mil arcos, brava Gente toda: Taparica seis mil valente armava; E por cumprir-se a prometida boda, Mil Amazonas mais à guerra manda: Paraguaçu gentil todas comanda.

O eu-lírico cria Paraguaçu como uma personagem diferente da retratação das mulheres em obras clássicas, deixando-a com características de independência, de maneira que ela escolhe lutar e agrega ao conceito de indianismo, sendo uma personagem forte e corajosa que mantém sua cultura. Assim, sendo visível na seguinte estrofe:

Paraguaçu, que de Diogo Esposa (Porque mais Jararaca se confunda) Ia a seu lado a combater briosa, Nem teme a multidão, que o campo inunda: Usa com ela a Tropa belicosa Da vulgar seta, do bodoque, e funda; Leva a Amazona um rígido colete, E co’a espada de ferro o capacete

Porém, ao resolver abandonar sua natureza indígena aceitando tornar-se uma mulher portuguesa para o casamento com o Diogo, o eu lírico acaba criando uma contradição na personagem, já que por suas características expostas no poema, ocorre um estranhamento para o leitor.

É compreensível quando fazemos uma análise da época do porquê da mudança de personalidade da índia principal; a idealização da mulher fica explícita. As características de obras árcades “abrem as portas” para o que aconteceria na próxima escola literária: O Romantismo. Tal escola preza pela idealização de seus personagens indígenas para criar uma exaltação da pátria. Sobre isso, Antônio Candido aponta:

Esta *determinação* da paisagem, aproximando-a da sensibilidade pessoal, reforça de algum modo a velha tendência de celebração nativista, que daí a pouco dará lugar a uma das manifestações centrais da literatura romântica: a paisagem como estímulo e expressão do nacionalismo. (CANDIDO, p.200)

Na obra árcade *Caramuru*, já percebemos a exaltação da natureza nas oitavas que o eu-lírico descreve com tantos detalhes da beleza natural do Brasil. A retratação da flora já muito apreciada ao desde a carta de Pero Vaz de Caminha. Assim como no Romantismo, a mulher também é idealizada, mas, no Romantismo, ocorre a idealização da mulher de nacionalidade portuguesa já na obra a mulher indígena é modificada para uma tentativa de torna-la um padrão europeu.

Voltando a conversão de Paraguaçu, nos questionamos: Qual seria o motivo para que Paraguaçu mudasse tão repentinamente de cultura e vida para somente se casar com o homem português? A resposta é simples e imediata: a necessidade para criar uma cultura branca, mesmo que ocorra a miscigenação de etnias, embora, para que um homem branco casasse com uma índia, porém, é necessário que ela se transforme no mais aproximado da mulher portuguesa possível.

Essa necessidade de transformação nasce? no período de aculturação indígena; o fator de aculturar já vem ligado a crença que uma cultura é inferior a outra. Nesse caso, temos a colisão da cultura europeia x indígena, o processo de superioridade da cultura branca que gera a imposição de transformação indígena. Portanto, o homem branco não poderia casar com índia inferior que não tinham seus costumes e hábitos, não poderia casar com índia que fosse a representação verdadeira da indígena.

Paraguaçu aparece para ser a representação da mulher europeia e isso é visível depois de seu batismo que recebe o nome da rainha da França: Catarina, o maior símbolo de poder europeu antes do homem que seria o rei. A índia Paraguaçu teria virado a Católica Catarina e agora poderia ter seu matrimônio com o homem português. Sendo assim, representando o índio que abre mão de sua cultura pela vontade do europeu. Sendo, visto na estrofe posterior:

Banhada a formosíssima Donzela No Santo Crisma, que os Cristãos confirma, Os Desposórios na Real Capela Com o valente Diogo amante firma: Catarina Álvares se nomeia a bela, De quem a glória no troféu se afirma, Com que a Bahia, que lhe foi Senhora, Noutro tempo, a confessa, e fundadora.

José de Santa Rita Durão, ao escrever sua epopeia, não poderia representar uma cultura indígena vista sem preconceitos; mesmo que o autor seja brasileiro, a ideia do índio como o primeiro povo puramente brasileiro, era distante; Durão, escreve uma epopeia que, a nosso ver, visa aumentar o prestígio de Portugal.

Segundo José de Santa Rita Durão: “Os sucessos do Brasil não mereceriam menos um poema que os da Índia. Incitou-me a escrever este, o amor pela Pátria.” A pátria que ele cita é a pátria portuguesa, onde passou maior parte de sua vida, dessa forma, a visão do autor era a do Brasil colônia no qual o português era o descobridor e corajoso por ter encontrado a nova terra e o índio era serventia e prêmio de tal conquista e bravura. O épico brasileiro seria uma continuação das grandes conquistas de Portugal; se Camões fez uma epopeia sobre a chegada às Índias, Durão faz uma epopeia sobre a chegada ao Brasil. Seria a demonstração do grande poder e continuação da coragem portuguesa nessa relação que pode ser o novo mundo do povo português. Dessa forma, inspirado no considerado maior escritor português, Santa Rita Durão escreve um poema épico com toda a base camoniana.

Paraguaçu continua sendo destaque entre as mulheres da tribo, sendo filha do cacique e companheira do homem português visto como filho do trovão. Podemos perceber que os atributos dados a ela estão sendo referentes aos homens que ela tem em sua vida, seu pai por ser o líder da tribo e Diogo seu companheiro por ser considerado um semideus entre o povo. Logo, a imagem de Paraguaçu como sendo suficiente começa a ser apagada e atrelada ao sexo masculino. Desse modo, podemos perceber na seguinte estrofe:

Esposo (a bela diz), teu nome ignoro; Mas não teu coração, que no meu peito Desde o momento que te vi, que o adoro Não sei se era amor já, se era respeito; Mas sei do que então vi, do que hoje exploro, Que de dous corações um só foi feito. Quero o batismo teu, quero a tua Igreja, Meu povo seja o teu, teu Deus meu seja.

Como a mulher ideal, ela não poderia manter suas crenças e práticas consideradas pagãs era necessário que descultivasse de sua cultura e fosse convertida ao catolicismo, a representação do catolicismo está tão presente que em certa parte do livro Paraguaçu tem uma visão com a Virgem Maria, símbolo feminino mais conhecido e devotado da Igreja católica, posto isso, o autor ao usar a imagem da Virgem ao aparecer para agora denominada Catarina é um meio de

dizer que agora ela é católica, sendo assim, portuguesa. De tal modo, Paraguaçu aceita sem restrições o novo estilo de vida, nova cultura, ignorando seus antigos costumes e provando seu amor ao português Diogo.

Além da leitura sobre a primeira índia, consideramos importante verificar o amor exacerbado de outra índia que tem algum destaque na obra: Moema, investigando sua devoção ao homem europeu e como isso ocorre, e quais serão os motivos.

6.1 O amor exacerbado da mulher indígena pelo homem português

Em determinado momento da obra *Caramuru* o casal principal, Diogo e Paraguaçu, tem necessidade de viajar. Na partida do Brasil, algumas índias apaixonadas nadam desesperadas atrás da nau, implorando que o Diogo volte para a costa. Uma dessas índias é a jovem Moema que tem mais espaço na obra, chegando até a competir com Paraguaçu pelo amor do filho do trovão. Sendo possível notar na leitura da seguinte oitava:

É fama então que a multidão formosa Das Damas, que Diogo pertendiam, Vendo avançar-se a nau na via undosa, E que a esperança de o alcançar perdiam: Entre as ondas com ânsia furiosa Nadando o Esposo pelo mar seguiam, E nem tanta água que flutua vaga O ardor que o peito tem, banhando apaga.

A índia Moema, considerada a mais bonita de todas, é deixada para trás com a partida de Diogo, mas, consegue chegar ao navio agarrando se ao leme, exclama seu amor exagerado, porém, seu amor não é recíproco. Suicida-se no mar ao ver que seu grande amor se vai, prefere a morte do que perder seu idealizado homem europeu, sendo engolida pelas ondas. As outras índias ao perceberem que não conseguem alcançar o navio voltam decepcionadas a costa. É possível ler essa passagem na seguinte estrofe:

Perde o lume dos olhos, pasma e treme, Pálida a cor, o aspecto moribundo, Com a mão já sem vigor, soltando o leme, Entre as salsas escumas desce ao fundo: Mas na onda do mar, que irado freme, Tornando a aparecer desde o profundo: "Ah! Diogo cruel!" disse com mágoa E sem mais vista ser, sorveu-se n'água.

Passamos a refletir, pois, sobre o que leva as índias a terem esse amor exacerbado pelo jovem Diogo. Tal sentimento que faz com que elas se joguem ao mar ocorrendo o risco de afogamento, desafiando a própria morte, na tentativa de ter mais uma chance ao lado do herói, um amor tão forte que ocasionou o suicídio, sendo, para índia Moema mais fácil afoga-se do que viver sem seu amado. Vemos a criação de uma mulher indígena que ama mais o português do que ela

mesma, que é capaz de fazer tudo por ele até mesmo desistir de viver; a idealização de um homem branco que deixa as mulheres aprisionadas de tanto amor, a imagem criada em volta ao europeu que faz com que acreditemos que todas as mulheres indígenas eram felizes e estavam em relacionamentos com o homem português por livre-arbítrio, a invenção que a mulher indígena poderia negar os desejos e imposições do homem europeu na colonização.

Também é importante refletir como foi fundamental o papel da mulher indígena contra a colonização, vários grupos de índios incluindo mulheres moveram ataques aos povoamentos portugueses. O restante das indígenas que foram retratadas na obra, mesmo com o espaço mínimo, podemos perceber a relação de paixão pelo protagonista ou de respeito, porém, sempre com a conotação de que as índias teriam uma submissão pelo principal. Ao pensar no índio, a relação é alterada ocorrendo a visão que ele seria autoridade, consistindo no acatamento das ordens ou uma relação de inveja por ele ser o líder. Não obstante, sempre um sentido que o protagonista seja superior.

A representação da mulher ocorre de modo que foram submetidas a inferioridade, não somente quando em comparação ao homem, ocorre um acontecimento que condiciona a mulher como um papel desvalorizado sendo exemplo do contexto-histórico e refletida na literatura, a mulher que será o par romântico ou apaixonada pelo protagonista, porém, não será a principal. De modo, que estejam sempre em segundo plano, mas também retirando suas raízes culturais, e excluindo todos seus conceitos de vida e ignorando sua vivência, assim percebendo que a mulher só tem um determinado espaço na obra quando está sendo requisitada para desenvolvido do herói do épico.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi elaborada visando a discussão sobre a mulher indígena que está presente na obra *Caramuru*. Dessa forma, é possível perceber os elementos que levaram a criação da índia idealizada de Durão. Considerando-se todas as informações discutidas neste artigo é notável uma romantização da índia brasileira, percebemos assim, o fator de romantização indígena com até características românticas.

Na obra *Caramuru* ocorre a presença do indígena, mas como segundo plano. Assim, tornando a indígena, uma objetificação por meio do homem europeu. Por isso, ocorre uma criação de um

ideal que podemos perceber ao analisar a obra e a descrição dos demais indígenas, o autor descreveu as terras brasileiras com a influência do período árcade transformando em paraíso. Em suma, o contexto-histórico como a colonização é refletido na mulher representada na literatura sendo preciso uma pesquisa entre o período literário e além sobre as condições da mulher no período histórico. Desse modo, a representação da mulher é composta de criações e idealizações criando uma fantasia em meio das personagens femininas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os Índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro, Editora FVG, 2010.

ALVES, Júlia Falivene. **A invasão cultural norte-americana**. São Paulo: Moderna, 2004.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1987.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: 1º volume**. Belo Horizonte: Itatiaia limitada.1997.

GUTIÉRREZ, C. G. **El teatro escolar de los jesuitas (1555-1640)**. Oviedo: Universidade de Oviedo, 1997.

LACERDA, Marina Basso. **As mulheres no Brasil Colonial**. Colonização dos corpos: Ensaio sobre o público e o privado. Patriarcalismo, patrimonialismo, personalismo e violência contra as mulheres na formação do Brasil. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira: origens, barroco, arcadismo**. São Paulo: Cultrix, 1983.

POLITO, Ronald. **Caramuru: Poema épico do descobrimento da Bahia**. São Paulo. 2005.

STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da poética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

THIÉL, Janice Cristine; QUIRINO, Vanessa Ferreira dos Santos. **A literatura indígena na escola: um caminho para a Reflexão sobre a pluralidade cultural**. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5885_3228.pdf.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Antropologia: o homem e a cultura**. Petrópolis: Vozes, 1991.